



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 11 matérias

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quarta-feira, 19 de janeiro de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO Com novos navios, Log-In busca ampliar mercado.....	1
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO Efetivação de trabalhador indica que emprego segue firme.....	2
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO Após recorde, efetivação de temporários indica que nível de emprego segue firme	3
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO Emprego bate recorde e indústria deve ajudar a manter o ritmo em 2011	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO PROBLEMA BOM	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO PARA UM BRASIL COMPETITIVO	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	
FOLHA DE SÃO PAULO TOMBINI DEVE ESTREAR HOJE NO COPOM COM ALTA NO JURO	8
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ECONÔMICO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO GOVERNO PREPARA ARMAS PARA GARANTIR O SUPERÁVIT COMERCIAL	9
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ONLINE Governo prepara armas para garantir o superávit comercial	11
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ONLINE Eletroeletrônicos lideram desejo de consumo na cidade de São Paulo	13
VEICULAÇÃO NACIONAL	
FOLHA.COM Com reajustes, Congresso prevê aumento de gastos em R\$ 860 mi	14
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Com novos navios, Log-In busca ampliar <u>mercado</u>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Empresa de logística mais que dobrou volume transportado desde o IPO, em 2007, e espera crescer ainda mais com portas-contêineres

19 de janeiro de 2011 | 0h 00

Alexandre Rodrigues - O Estado de S.Paulo

Prestes a tirar do estaleiro o primeiro de seus sete grandes navios em construção no Brasil, a Log-In chegou a quase 160 mil contêineres transportados em 2010. O volume é mais do que o dobro do que a companhia de logística, que tem a Vale como maior acionista, transportava em 2007, quando abriu capital e deixou de ser um braço da mineradora.

Com investimentos de R\$ 1,3 bilhão até 2013, a empresa começará este ano a elevar ganhos com ativos próprios e aposta na descentralização econômica para ganhar mercado.

A Log-In pretende iniciar até março a operação do porta-contêiner Jacarandá, com capacidade de até 2.800 TEUs (medida equivalente a um contêiner de 20 pés), que está em fase de acabamento no Estaleiro Ilha S/A (Eisa), na zona norte do Rio. O gigante de 10 mil toneladas, o primeiro produzido no País em 15 anos, será empregado na rota Sul-Amazonas, mercado estratégico para a empresa pelo crescimento da produção industrial da Zona Franca de Manaus.

O início da operação da frota própria de grandes porta-contêineres abre uma nova fase para a Log-In, que começará a reduzir os custos com afretamento de embarcações. Em 2009, a empresa gastou R\$ 15,6 milhões no arrendamento de cinco navios. Além do Jacarandá, um navio próprio de mesmo porte, o Jatobá, também vai para o mar este ano, mas no segundo semestre.

Além de cinco porta-contêineres, que custam cerca de R\$ 150 milhões cada, a empresa tem encomendados no Eisa dois graneleiros para o contrato de transporte de bauxita firmado com a Alunorte, iniciado em janeiro de 2010 com navios fretados. Os investimentos contam com financiamento


do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Crescimento acelerado. À frente da empresa há seis meses, depois de passar pela Fosfertil, o diretor-presidente da Log-In, Vital Jorge Lopes, prevê a manutenção do crescimento acelerado da companhia, dada a demanda reprimida do transporte de cabotagem no País. Segundo ele, apesar dos custos inferiores aos do modal rodoviário, apenas 14% do volume potencial de produtos que poderiam ser transportados em contêineres são absorvidos pelo segmento no Brasil.

"Ainda não operamos os ativos dos nossos sonhos, que vão dar maior retorno, mas dedicamos essa primeira fase da empresa a construir um mercado. Leva tempo, mas estamos conseguindo. Há uma questão cultural, que aos poucos se reduz. Quanto mais capacidade temos, mais temos demanda", diz Lopes, citando a crise mundial como único tropeço nos três anos da empresa. Custou um prejuízo de R\$ 6,6 milhões em 2009.

Quando todos os navios da Log-in em construção estiverem em operação, em 2013, a empresa terá triplicado a sua capacidade atual, estima o diretor de operações Rômulo Andrade. Focada principalmente no mercado interno, a empresa tem na rota Buenos Aires-Fortaleza seu carro-chefe, passando pelos principais portos do País.

O desafio, explica Andrade, é equilibrar o uso de capacidade nas rotas. Do Sul, que ainda concentra a produção industrial, para o Norte, os navios partem com mais de 80% da capacidade. No sentido Sul, a ocupação cai para entre 50% e 60%. Por isso, a empresa busca agora mais clientes nos Estados do Norte e do Nordeste.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Efetivação de trabalhador indica que emprego segue firme		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

19 de janeiro de 2011 | 8h 47

AE - Agencia Estado

SÃO PAULO - Depois de um ano recorde de contratações, que terminou com um saldo de 2,5 milhões de postos de trabalho com carteira assinada, a perspectiva é de que o emprego continue firme em 2011, especialmente na indústria. Só a **Zona Franca** de **Manaus**, que reúne a maioria dos fabricantes de eletroeletrônicos e motocicletas, além de produtos químicos, vai efetivar cerca de 7 mil trabalhadores temporários. Eles foram contratados a partir de outubro para incrementar a **produção** de fim de ano.

"Até o fim deste mês, 80% dos trabalhadores temporários serão aproveitados. No ano passado, foram efetivados perto de 5 mil trabalhadores e o índice de aproveitamento de temporários foi bem menor, entre 40% e 50%", afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Eletroeletrônicos de **Manaus**, Wilson Périco.

O empresário explica que a maioria dos trabalhadores temporários que serão efetivados está no setor eletroeletrônico e que o aumento do emprego reflete a demanda "bastante aquecida" neste início de ano, especialmente por televisores. "Como as vendas de Natal superaram as expectativas, os estoques de produtos acabados caíram no varejo e agora estão sendo repostos."

Pelo segundo ano consecutivo, a coreana Samsung vai contratar a totalidade dos trabalhadores temporários, conta o vice-presidente de Novos Negócios da empresa, Benjamin Sicsú. São perto de 800 trabalhadores que serão efetivados. O executivo pondera que nem sempre é o mesmo trabalhador que vai ocupar a vaga, por questões de qualificação e perfil. Mas o total dos postos temporários será transformado em empregos efetivos. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Após recorde, efetivação de temporários indica que nível de emprego segue firme		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Fabricantes de eletroeletrônicos, estimulados pelo aumento nas vendas, veem início do ano forte e preveem abertura de novas vagas

Márcia De Chiara - O Estado de S.Paulo

Depois de um ano recorde de contratações, que terminou com um saldo de 2,5 milhões de postos de trabalho com carteira assinada, a perspectiva é de que o emprego continue firme em 2011, especialmente na indústria.

Só a **Zona Franca** de **Manaus**, que reúne a maioria dos fabricantes de eletroeletrônicos e motocicletas, além de produtos químicos, vai efetivar cerca de 7 mil trabalhadores temporários. Eles foram contratados a partir de outubro para incrementar a **produção** de fim de ano.

"Até o fim deste mês, 80% dos trabalhadores temporários serão aproveitados. No ano passado, foram efetivados perto de 5 mil trabalhadores e o índice de aproveitamento de temporários foi bem menor, entre 40% e 50%", afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Eletroeletrônicos de **Manaus**, Wilson Périco.

O empresário explica que a maioria dos trabalhadores temporários que serão efetivados está no setor eletroeletrônico e que o aumento do emprego reflete a demanda "bastante aquecida" neste início de ano, especialmente por televisores. "Como as vendas de Natal superaram as expectativas, os estoques de produtos acabados caíram no varejo e agora estão sendo repostos."

Pelo segundo ano consecutivo, a coreana Samsung vai contratar a totalidade dos trabalhadores temporários, conta o vice-presidente de Novos Negócios da empresa, Benjamin Sicsú. São perto de 800 trabalhadores que serão efetivados. O executivo pondera que nem sempre é o mesmo trabalhador que vai ocupar a vaga, por questões de qualificação e perfil.

Mas o total dos postos temporários será transformado em empregos efetivos.

O aumento das contratações com carteira assinada na Samsung neste início de ano resulta, segundo Sicsú, da combinação de três fatores: as novas linhas de **produção** implantadas em **Manaus** (aparelhos de ar-condicionado, tela de LCD e celular), aumento da participação de **mercado** e verticalização da **produção**. "Neste ano, vamos começar a fazer a injeção dos gabinetes das TVs na fábrica", conta Sicsú.

"O início de ano está forte e poderemos repetir a venda de 11 milhões de TVs", diz Lourival Kizula, presidente da Eletros, que reúne as indústrias do setor.

Sondagem da indústria de transformação da FGV, com cerca de mil empresas de vários setores, aponta que 31% das indústrias planejam contratar no trimestre dezembro/fevereiro e 5,7%, demitir. Em novembro, os indicadores eram 28,6% e 7,8%, respectivamente.

Consumo. Pesquisa de intenção de compra de bens duráveis para este trimestre, feita pelo Provar com a Felisoni Consultores, revela que 71,80% dos cerca de 500 entrevistados em São Paulo pretendem ir às compras até março. E o produto líder é o eletroeletrônico (12,4%), seguido por material de construção (10,2%). A intenção de compras para este trimestre é menor ante o mesmo período de 2010, quando 77,2% declararam que comprariam. "O resultado deste ano é menor que em 2010, mas ainda assim será um início de ano muito bom", afirma Claudio Felisoni, responsável pela pesquisa.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Emprego bate recorde e indústria deve ajudar a manter o ritmo em 2011		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Fabricantes de eletroeletrônicos, estimulados pelo aumento nas vendas, veem início do ano forte e anunciam contratação de temporários

Márcia De Chiara, de O Estado de S. Paulo

SÃO PAULO - Depois de um ano recorde de contratações, que terminou com um saldo de 2,5 milhões de postos de trabalho com carteira assinada, a perspectiva é de que o emprego continue firme em 2011, especialmente na indústria.

Só a **Zona Franca** de **Manaus**, que reúne a maioria dos fabricantes de eletroeletrônicos e motocicletas, além de produtos químicos, vai efetivar cerca de 7 mil trabalhadores temporários. Eles foram contratados a partir de outubro para incrementar a **produção** de fim de ano.

"Até o fim deste mês, 80% dos trabalhadores temporários serão aproveitados. No ano passado, foram efetivados perto de 5 mil trabalhadores e o índice de aproveitamento de temporários foi bem menor, entre 40% e 50%", afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Eletroeletrônicos de **Manaus**, Wilson Périco.

O empresário explica que a maioria dos trabalhadores temporários que serão efetivados está no setor eletroeletrônico e que o aumento do emprego reflete a demanda "bastante aquecida" neste início de ano, especialmente por televisores. "Como as vendas de Natal superaram as expectativas, os estoques de produtos acabados caíram no varejo e agora estão sendo repostos."

Pelo segundo ano consecutivo, a coreana Samsung vai contratar a totalidade dos trabalhadores temporários, conta o vice-presidente de Novos Negócios da empresa, Benjamin

Sicsú. São perto de 800 trabalhadores que serão efetivados. O executivo pondera que nem sempre é o mesmo trabalhador que vai ocupar a vaga, por questões de qualificação e perfil. Mas o total dos postos temporários será transformado em empregos efetivos.

O aumento das contratações com carteira assinada na Samsung neste início de ano resulta, segundo Sicsú, da combinação de três fatores: as novas linhas de **produção** implantadas em **Manaus** (aparelhos de ar-condicionado, tela de LCD e celular), aumento da participação de **mercado** e verticalização da **produção**. "Neste ano, vamos começar a fazer a injeção dos gabinetes das TVs na fábrica", conta Sicsú.

"O início de ano está forte e poderemos repetir a venda de 11 milhões de TVs", diz Lourival Kizula, presidente da Eletros, que reúne as indústrias do setor.

Sondagem da indústria de transformação da FGV, com cerca de mil empresas de vários setores, aponta que 31% das indústrias planejam contratar no trimestre dezembro/fevereiro e 5,7%, demitir. Em novembro, os indicadores eram 28,6% e 7,8%, respectivamente.

Consumo. Pesquisa de intenção de compra de bens duráveis para este trimestre, feita pelo Provar com a Felisoni Consultores, revela que 71,80% dos cerca de 500 entrevistados em São Paulo pretendem ir às compras até março. E o produto líder é o eletroeletrônico (12,4%), seguido por material de construção (10,2%). A intenção de compras para este trimestre é menor ante o mesmo período de 2010, quando 77,2% declararam que comprariam. "O resultado deste ano é menor que em 2010, mas ainda assim será um início de ano muito bom", afirma Claudio Felisoni, responsável pela pesquisa.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO PROBLEMA BOM		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O ministro do Trabalho, Carlos Lupi, está comemorando mais um recorde: a criação de cerca de 2,5 milhões de empregos novos com carteira assinada em 2010, tal como apontado por meio do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Dia 27, o IBGE, que mede o nível de ocupação no **Brasil** (e não apenas as relações de trabalho), deverá confirmar essa forte melhora na situação do emprego. Em novembro, o desemprego já havia desabado para 5,7%. Em dezembro, mês em que normalmente mais gente é contratada para dar conta do aumento da demanda das festas de final de ano, esse número deve ter melhorado. Os dados do Caged acusaram em dezembro o aumento de 58 mil novas vagas em relação às existentes em novembro.

Nada menos que 39,9% ou 1 milhão de postos de trabalho foram criados no setor de serviços. Enquanto isso, o **comércio** contribuiu com outros 602 mil e a construção civil, com 329 mil (veja o Confira). É natural que a indústria perca espaço como grande contratadora. Foi e está sendo assim nas economias mais desenvolvidas e é inevitável que aconteça também no Brasil. Isso não significa que o País esteja sendo atacado pela desindustrialização, como insistem alguns dirigentes do setor.

E é preciso prestar mais atenção ao que está acontecendo nos serviços. Até mesmo especialistas em Política de Trabalho continuam presos por padrões do passado que atribuíam à indústria a criação de empregos de mais qualidade. Há um grande número de atividades novas ganhando corpo na informática, na assistência técnica, segurança, turismo, moda e educação física. A área de telemarketing, por exemplo, tem apenas 30 anos e, no entanto, emprega, somente no Estado de São Paulo, 400 mil pessoas. É um segmento ainda em fase incipiente, marcado pela alta rotatividade e por salários relativamente baixos, que, no entanto, passa por forte expansão.

O governo conta com a criação de mais 3 milhões de postos de trabalho em 2011. É cedo para garantir o sucesso dessa meta, porque as projeções apontam para alguma fredda na atividade econômica. Ainda assim, em 2011, o **PIB** deverá crescer algo em torno dos 5%. Parece inevitável que o

nível de quase pleno emprego seja mantido. Somente a Petrobrás está anunciando 14 mil novas vagas até 2014 com concurso público. Ela tem hoje 77 mil funcionários.

A boa fase na área do emprego tem dois custos. O primeiro deles é mais geral. Um nível de desemprego inferior a 7% no **Brasil** deixa de ser neutro na formação de preços. Isso quer dizer que tende a pressionar por aumentos salariais acima dos índices de produtividade da economia.

Já faltam engenheiros, pedreiros, eletricitistas, soldadores, mecânicos e tantos profissionais mais. A escassez de mão de obra deve aumentar e acrescentar mais custos à atividade econômica. As empresas não terão outra opção senão a de recrutar pessoal nas camadas de mais baixa qualificação. Em consequência disso, esbarrarão em outra enorme deficiência do País que é a baixa qualidade do ensino e a falta de níveis médios de capacitação. É o que levará a um aumento inevitável dos custos com treinamento e preparação.

Em todo o caso, se há um bom problema para ser resolvido é esse aí: o de escassez de mão de obra.

CONFIRA

Empregos com carteira assinada criados em 2010

O gráfico mostra como se distribuiu a criação de empregos no **Brasil** ao longo de 2010. Veja o que está acontecendo no setor de serviços.

Steve Jobs

Parece **importante** sinal dos tempos o que aconteceu no noticiário econômico dos jornais brasileiros de ontem. A matéria publicada por todos eles e que apareceu com mais ênfase foi o afastamento, por licença médica, do presidente da Apple. O fascínio provocado pelo iPad e pelas novas engenhocas eletrônicas passou a exigir que fatos dessa ordem sejam objeto de amplas análises.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO PARA UM <u>Brasil</u> COMPETITIVO		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

O governo vai propor ao Congresso, em fevereiro, medidas para reduzir os custos industriais e tornar as empresas mais competitivas, disse nessa segunda-feira o ministro do **Desenvolvimento**, Indústria e **Comércio** Exterior, Fernando Pimentel. Serão, segundo ele, as "primeiras medidas" para desoneração das indústrias. O sinal é animador. Pode-se resumir numa palavra a maior parte dos problemas da indústria brasileira: competitividade. Segundo Pimentel, a presidente Dilma Rousseff determinou a cada **Ministério** um esforço para identificar os pontos de estrangulamento da atividade produtiva. A parte mais **importante** da resposta é conhecida há muito tempo. Esses pontos serão encontrados principalmente fora dos muros das fábricas - ou das cercas dos sítios e fazendas. Estão na infraestrutura, nos impostos, na burocracia pesada e ineficiente, na insegurança jurídica, para mencionar só alguns itens muito **importantes**.

Sem identificar as medidas, o ministro limitou-se a confirmar uma decisão presidencial já conhecida na semana passada: serão propostas mudanças para fortalecer o setor produtivo, mas não se falará de reformas. Em menos de um mês, a presidente abandonou, pelo menos parcialmente, uma das principais promessas de seu discurso de posse. Sem projetos de reformas, o governo espera obter inovações **importantes** em prazo razoável e com dificuldades políticas bem menores. No caso da tributação, o desafio será montar um conjunto coerente de ajustes para a modernização do sistema. Seja como for, uma das principais dificuldades permanece: será preciso conduzir negociações muito complicadas com os governos estaduais.

Nenhuma revisão dos tributos será suficiente, se não atingir o Imposto sobre Circulação de **Mercadorias** e Serviços (**ICMS**). A maior parte dos créditos fiscais cobrados pelos **exportadores** é de responsabilidade dos

Tesouros dos Estados. Além disso, a guerra fiscal é uma consequência de políticas adotadas pelos governadores. Qualquer mudança tributária será muito limitada, se o governo central, para tomar o caminho mais confortável e menos trabalhoso, desistir de alterações no **ICMS**.

De toda forma, só será possível avaliar o ímpeto reformista - ou meramente inovador - do novo governo depois de conhecidas as primeiras propostas de desoneração. Mesmo sem afetar os Estados, o Executivo federal poderá encontrar resistência. Se mexer nas contribuições trabalhistas, terá de enfrentar pressões das organizações sindicais.

O ministro Pimentel promete igualmente uma política mais "proativa" de defesa comercial. Segundo ele, o governo poderá tomar a iniciativa de investigar possíveis casos de concorrência desleal, sem depender, portanto, da solicitação de empresas. Normalmente as autoridades são provocadas para investigar e para adotar ações defensivas. O governo, segundo ele, exercerá sua "criatividade" sem violar as normas internacionais de **comércio**. Também de acordo com o ministro, a China será um dos alvos principais de atenção.

É preciso levar em conta algumas distinções. O **Brasil** necessita, realmente, de um aparato mais forte de defesa comercial. O governo está pouco equipado para essa função. Contratou-se muita gente nos últimos oito anos, mas não se reforçaram tecnicamente certas áreas de grande importância estratégica.

Nenhum grande problema será resolvido pelo protecionismo, tal como defendido por alguns setores. A solução duradoura dependerá de duas políticas inatacáveis - a elevação da competitividade geral da economia brasileira e a proteção eficiente contra o **comércio** desleal.

Neste momento há um **importante** problema adicional: a valorização da moeda brasileira, em grande parte ocasionada pela desordem global do câmbio. Será preciso continuar discutindo o assunto nos foros internacionais. Mas, ao mesmo tempo, as autoridades terão de usar os instrumentos de ajuste a seu alcance, como as operações de câmbio do Banco Central e as barreiras tributárias ao capital especulativo. A arrumação fiscal facilitará esse trabalho e também isso foi anunciado como prioridade do novo governo.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO TOMBINI DEVE ESTREAR HOJE NO COPOM COM ALTA NO JURO		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Em meio a pressões inflacionárias, expectativa é de aumento de 0,5 ponto na taxa Na opinião de analistas, Banco Central inicia tarde processo de aperto monetário para conter aumento de preços

ÉRICA FRAGA

DE SÃO PAULO

O Banco Central de Alexandre Tombini, novo presidente da instituição, anunciará hoje sua primeira decisão sobre o futuro das taxas de juros sob forte pressão.

Há consenso de que a Selic, taxa básica de juros, será elevada, muito provavelmente em 0,5 ponto percentual, para 11,25% hoje.

Mas a mensagem de analistas para a autoridade monetária é clara: acham que o BC inicia tarde o processo de alta dos juros para combater pressões inflacionárias. É o que indicam as expectativas futuras de inflação.

Desde setembro de 2009, quando estava claro que a economia se recuperava da crise global com forte vigor, as projeções de inflação para 2011 começaram a subir e superaram o centro da meta.

Desde então, saltaram de pouco acima de 4,5% para 5,47% atualmente, segundo o relatório Focus (que traz as expectativas de analistas do mercado) divulgado anteontem pelo BC.

Fortes pressões inflacionárias recentes -causadas principalmente por alta nos preços de commoditiesalimentam

dúvidas sobre se uma elevação total da Selic para 12,25% em 2011 será suficiente para que a inflação recue para o centro da meta de 4,5% perseguida pelo BC.

Essa alta da Selic em 1,5 ponto é, na leitura do mercado, o que o BC sinalizou no mais recente relatório de inflação como aperto monetário suficiente para controlar o aumento de preços.

MEDIDAS

Mas o cenário para a interação entre política monetária e taxas de juros nos próximos meses ganhou complexidade depois que o BC adotou, no início de dezembro passado, medidas chamadas "prudenciais" com a intenção de ajudar a desacelerar a demanda doméstica.

Economistas do Itaú Unibanco estimam que o impacto dessas medidas recentes -incluindo aumento da alíquota de depósitos compulsórios e maiores exigências de capital para as instituições financeiras em operações de crédito- pode equivaler a um aperto monetário de um ponto percentual.

Por isso o Itaú Unibanco mantém sua estimativa de um aumento total de 1,5 ponto percentual da Selic neste ano. É a mesma projeção de Octavio de Barros, diretor do departamento de pesquisas econômicas do Bradesco.

Mas Aurélio Bicalho, economista do Itaú Unibanco, ressalta que a estimativa do impacto das medidas prudenciais é cercada de incertezas: "Dados que serão divulgados em breve, como do mercado automobilístico, darão melhor indicação do efeito dessas medidas".

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO GOVERNO PREPARA ARMAS PARA GARANTIR O SUPERÁVIT COMERCIAL		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Preocupado com as previsões de queda pela metade do saldo da balança comercial neste ano, o novo ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio**, Fernando Pimentel, nem bem assumiu o cargo, saiu atirando. "Vamos fazer frente a essa avalanche asiática com tudo aquilo que for possível dentro da Organização Mundial do **Comércio**, a OMC, e com alguma criatividade extra-OMC", disse Pimentel em entrevista ao Valor.

Depois de ter atingido o superávit recorde de US\$ 46,5 bilhões em 2006, o saldo da balança comercial encolheu nos anos seguintes. Em 2010, caiu para US\$ 20,3 bilhões, o menor desde 2002, e a previsão do próprio governo é que despencará para US\$ 10 bilhões neste ano. A queda do superávit comercial é resultado do aumento das **importações**, provocado pelo crescimento econômico e apreciação do real, além da enorme agressividade dos principais parceiros comerciais do país, favorecidos pela desvalorização de suas moedas.

Pimentel se referiu especialmente à China, que ampliou em 60,2% as vendas para o **Brasil** em 2010 e responde por 14,1% das **importações** brasileiras. A Ásia como um todo domina, com 30,9%. Mas a análise vale perfeitamente para os Estados Unidos, que ainda são os maiores fornecedores do país, com 15% das **importações**.

O **Brasil** contabilizou duas vitórias recentes sobre os EUA na OMC. Um deles foi a disputa causada pelos subsídios concedidos pelo governo americano aos produtores domésticos de algodão, caso em que o Brasil foi autorizado a aplicar a retaliação cruzada, que penaliza outros produtos **exportados** pelos Estados Unidos, em US\$ 830 milhões por ano. A retaliação acabou suspensa porque Washington ofereceu compensações.

Na outra vitória, a OMC considerou ilegais as medidas antidumping aplicadas pelos EUA ao suco de laranja brasileiro por causa de vícios no sistema de cálculo de checagem dos preços. Até fevereiro, os EUA podem recorrer.

Animado por esses resultados, o **Brasil** prepara a abertura de três novos contenciosos na OMC. Um deles é contra os subsídios dos Estados Unidos para o etanol e as

barreiras às compras do produto brasileiro; e dois são contra a União Europeia - um envolve a carne bovina e outro a rotulagem da carne de aves.


Mas os questionamentos no âmbito da OMC têm um grave problema: são muito demorados. A disputa do algodão, por exemplo, levou quase dez anos. Daí a necessidade de se tomar as medidas que Pimentel chamou de "extra-OMC". Sabe-se que uma delas seria agilizar os processos antidumping. O empresário Roberto Giannetti da Fonseca cita também as salvaguardas, que podem ajudar setores com falta de competitividade conjuntural, além de maior rigor na fiscalização aduaneira para conter subfaturamento e pirataria. Um caso específico no qual o governo já está de olho há algum tempo é a suposta triangulação que os **exportadores** chineses de calçados estariam fazendo para escapar da sobretaxa. Além disso, o Brasil aumentou as tarifas para brinquedos.

A ação brasileira despertou a ira do embaixador americano junto à OMC, Michael Punke, também descontente com as críticas do ministro da Fazenda, Guido Mantega, à desvalorização do **dólar**. Punke tentou desviar a atenção, criticando a elevação de tarifas, que qualificou como um "stick in the eye". A diplomacia brasileira retrucou. "Com a desvalorização do **dólar**, os EUA são os grandes beneficiados na venda de bens industriais para o Brasil. Reclamar que o **Brasil** está subindo tarifa não pode ser sério", disse o embaixador brasileiro na OMC, Roberto Azevedo.

No entanto, essas medidas são localizadas, atacam o **comércio** desleal e, se derem certo, beneficiariam alguns setores. Para melhorar as **exportações** como um todo, o **Brasil** precisa atacar mais a fundo os fatores que levam à apreciação cambial. Um deles é a taxa de juro, que, por ironia, deverá ser elevada novamente amanhã para atacar as pressões inflacionárias.

A proteção comercial é uma arma válida, a ser usada com inteligência e prudência. No passado, foi utilizada para defender indústrias ineficientes e privilégios cartoriais - risco sempre presente. Com a melhora da economia, o câmbio será certamente mais apreciado do que foi no passado e a garantia da competitividade

exige um esforço em outra direção. Reduzir a burocracia, desonerar as exportações, diminuir a carga tributária geral - a maior entre os países emergentes que competem com o país- e modernizar a infraestrutura são medidas inescapáveis. O Brasil anda devagar nesse caminho.

	VEÍCULO VALOR ONLINE	EDITORIA	
	TÍTULO Governo prepara armas para garantir o superávit comercial		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Preocupado com as previsões de queda pela metade do saldo da balança comercial neste ano, o novo ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Fernando Pimentel, nem bem assumiu o cargo, saiu atirando. "Vamos fazer frente a essa avalanche asiática com tudo aquilo que for possível dentro da Organização Mundial do Comércio, a OMC, e com alguma criatividade extra-OMC", disse PIMentel em entrevista ao Valor.

Depois de ter atingido o superávit recorde de US\$ 46,5 bilhões em 2006, o saldo da balança comercial encolheu nos anos seguintes. Em 2010, caiu para US\$ 20,3 bilhões, o menor desde 2002, e a previsão do próprio governo é que despencará para US\$ 10 bilhões neste ano. A queda do superávit comercial é resultado do aumento das importações, provocado pelo crescimento econômico e apreciação do real, além da enorme agressividade dos principais parceiros comerciais do país, favorecidos pela desvalorização de suas moedas.

Pimentel se referiu especialmente à China, que ampliou em 60,2% as vendas para o Brasil em 2010 e responde por 14,1% das importações brasileiras. A Ásia como um todo domina, com 30,9%. Mas a análise vale perfeitamente para os Estados Unidos, que ainda são os maiores fornecedores do país, com 15% das importações.

O Brasil contabilizou duas vitórias recentes sobre os EUA na OMC. Um deles foi a disputa causada pelos subsídios concedidos pelo governo americano aos produtores domésticos de algodão, caso em que o Brasil foi autorizado a aplicar a retaliação cruzada, que penaliza outros produtos exportados pelos Estados Unidos, em US\$ 830 milhões por ano. A retaliação acabou suspensa porque Washington ofereceu compensações. Na outra vitória, a OMC considerou ilegais as medidas antidumping aplicadas pelos EUA ao suco de laranja brasileiro por causa de vícios no sistema de cálculo de checagem dos preços. Até fevereiro, os EUA podem recorrer.

Animado por esses resultados, o Brasil prepara a abertura de três novos contenciosos na OMC. Um deles é contra os subsídios dos Estados Unidos para o etanol e as barreiras às compras do produto brasileiro; e dois são contra a União Europeia - um envolve a carne bovina e outro a rotulagem da carne de aves.

Mas os questionamentos no âmbito da OMC têm um grave problema: são muito demorados. A disputa do algodão, por exemplo, levou quase dez anos. Daí a necessidade de se tomar as medidas que Pimentel chamou de "extra-OMC". Sabe-se que uma delas seria agilizar os processos antidumping. O empresário Roberto Giannetti da Fonseca cita também as salvaguardas, que podem ajudar setores com falta de competitividade conjuntural, além de maior rigor na fiscalização aduaneira para conter subfaturamento e pirataria. Um caso específico no qual o governo já está de olho há algum tempo é a suposta triangulação que os exportadores chineses de calçados estariam fazendo para escapar da sobretaxa. Além disso, o Brasil aumentou as tarifas para brinquedos.

A ação brasileira despertou a ira do embaixador americano junto à OMC, Michael Punke, também descontente com as críticas do ministro da Fazenda, Guido Mantega, à desvalorização do dólar. Punke tentou desviar a atenção, criticando a elevação de tarifas, que qualificou como um "stick in the eye". A diplomacia brasileira retrucou. "Com a desvalorização do dólar, os EUA são os grandes beneficiados na venda de bens industriais para o Brasil. Reclamar que o Brasil está subindo tarifa não pode ser sério", disse o embaixador brasileiro na OMC, Roberto Azevedo.

No entanto, essas medidas são localizadas, atacam o comércio desleal e, se derem certo, beneficiariam alguns setores. Para melhorar as exportações como um todo, o Brasil precisa atacar mais a fundo os fatores que levam à apreciação cambial. Um deles é a taxa de juro, que, por ironia, deverá ser elevada novamente amanhã para atacar as pressões inflacionárias.

A proteção comercial é uma arma válida, a ser usada com inteligência e prudência. No passado, foi utilizada para defender indústrias ineficientes e privilégios cartoriais - risco sempre presente. Com a melhora da economia, o câmbio será certamente mais apreciado do que foi no passado e a garantia da competitividade exige um esforço em outra direção. Reduzir a burocracia, desonerar as **exportações**, diminuir a carga tributária geral - a maior entre os países emergentes que competem com o país- e modernizar a infraestrutura são medidas inescapáveis. O **Brasil** anda devagar nesse caminho.

	VEÍCULO VALOR ONLINE	EDITORIA	
	TÍTULO Eletrônicos lideram desejo de consumo na cidade de São Paulo		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Vanessa Dezem | De São Paulo

Os eletroeletrônicos lideram as intenções de compra dos consumidores no primeiro trimestre, tanto nas lojas físicas, quanto via internet. Foi o que mostrou a Pesquisa Trimestral de Intenção de Compra no Varejo, do Programa de Administração do Varejo (Provar) da FIA. Apesar da liderança da categoria, no geral o levantamento mostrou um recuo nas pretensões de consumo em relação aos três primeiros meses do ano passado.

Segundo o estudo, que analisa dez categorias de bens e entrevista 500 consumidores na cidade de São Paulo, 12,4% dos entrevistados que mostraram disposição de ir às compras afirmaram que querem adquirir algum eletroeletrônico. A segunda maior intenção de compra foi verificada em material de construção, com 10,2%. Os menores índices foram apurados nas áreas de cama, mesa e banho (2,2%) e eletroportáteis (4,4%).


Quando se analisa a intenção geral de consumir ao menos um produto de qualquer uma das diferentes categorias abordadas, no entanto, observa-se uma redução da pretensão de compra. Nos três primeiros meses do ano, 71,8% das pessoas consultadas afirmaram que devem ir às compras, uma

queda de 5,4 ponto percentual frente ao índice registrado no mesmo período de 2010.

Ainda na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, apenas três categorias, dentre as dez analisadas, registraram aumento das intenções de compra: eletroeletrônicos, eletroportáteis e automóveis.

Na internet, os resultados vieram melhores, com uma pequena alta na intenção de compras. No primeiro trimestre, 90% dos entrevistados informaram a pretensão de comprar algum produto das dez categorias. No mesmo período do ano passado, o índice estava em 88,6%. Eletrônicos, CDs, DVDs, livros e revistas, além de itens de informática, lideraram as pretensões de compra on-line.

A pesquisa mostra ainda que os consumidores acreditam que deverão gastar mais em suas aquisições. "A elevação da intenção dos gastos já pode ser considerada um efeito da inflação. O consumidor vai comprar, mas acha que vai acabar pagando mais caro", afirmou o coordenador geral do Provar, Claudio Felisoni. Com produtos de linha branca, por exemplo, os consumidores acreditavam que iriam gastar em média R\$ 1.322 nos três primeiros meses de 2010. Neste trimestre, a expectativa é desembolsar R\$ 1.906.

	VEÍCULO FOLHA.COM	EDITORIA	
	TÍTULO Com reajustes, Congresso prevê aumento de gastos em R\$ 860 mi		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Despesas para 2011 no Legislativo são estimadas em R\$ 6,2 bi

DE BRASÍLIA

Enquanto o Executivo discute cortes no Orçamento, o Congresso prevê aumento de R\$ 860 milhões na folha de pagamento de 2011.

O levantamento foi feito pelo site Contas Abertas e engloba o reajuste de 62% dos salários de deputados e senadores, os encargos aos aposentados e pensionistas e a mudança no plano de carreira dos servidores.

No fim do ano passado, o vencimento dos congressistas passou de R\$ 16,5 mil para R\$ 26,7 mil, sendo equiparado ao do Judiciário.

O site mostra que a Lei Orçamentária de 2010 previa despesas de R\$ 5,5 bilhões com pessoal e encargos sociais de parlamentares e servidores. Cerca de R\$ 5,3 bilhões foram pagos efetivamente. A previsão para 2011 é de R\$ 6,2 bilhões.

Ontem, o PSTU ingressou com ação popular contra o reajuste. Para a sigla, não é possível equiparar os salários de deputados, senadores, ministros e presidente da República aos do Supremo, pois os ministros são funcionários de carreira. (MARIA CLARA CABRAL e GABRIELA GUERREIRO)